

## saber

CAROLINA VILA-NOVA  
EM BERLIM

As universidades americanas não estão exportando apenas suas instituições de ensino superior, com instalações de campi avançados em Cingapura (Yale) ou em Abu Dabi (New York University), nos Emirados Árabes, para citar exemplos asiáticos.

Na Europa, o bacharelado de “liberal arts” (em tradução livre, artes liberais) —um currículo de graduação que pode ser composto pelo mais amplo leque de estudos em humanidades e ciências— está fazendo adeptos em universidades tradicionais e impulsionando o nascimento de novas escolas.

Recentemente, duas iniciativas nasceram na Inglaterra: a Winchester University iniciou um programa no ano passado e, em setembro, o University College London começa sua primeira turma em “liberal arts”.

Mas a novidade vem mesmo de Berlim, com a criação do European College of Liberal Arts (Ecla).

Tudo começou com um curso de verão em 2000. Em fevereiro, o Ecla obteve reconhecimento do governo de Berlim como universidade de “liberal arts”, a primeira a funcionar na Alemanha.

A instituição é financiada pela Endeavour, fundação americana que está por trás de boa parte das iniciativas recentes dos “Liberal Arts Colleges” na Europa.

O Ecla foi estabelecido em oito antigas embaixadas localizadas na Alemanha Oriental, hoje convertidas em salas de aula, alojamentos, refeitório e escritórios no bairro de Niederschönhausen (norte da cidade).

Afastado do centro de Berlim, toma a forma de uma pequena comunidade acadêmica em que o contato entre professores e alunos é bastante intenso.



Alunos e professores do European College of Liberal Arts (Ecla), em Berlim

# ARTES LIBERAIS

Vindo dos EUA, **modelo** de bacharelado **flexível** em humanidades se **expande** por universidades na **Europa**

A proporção entre professor/estudante é 1 para 7. Vindos de 30 países, os cerca de 60 alunos estudam, comem e dormem no campus.

“Se quer oferecer uma boa educação, tem de pensar no que acontece fora da sala de aula. E quando você cria uma universidade residencial, cria um espaço para diálogo contínuo”, explica o dinamarquês Thomas Norgaard, diretor-executivo do Ecla.

O bacharelado é em “estudos dos valores” (“value studies”), com duração de quatro anos, sendo um deles em estágio fora do país. As disciplinas se distribuem em três

áreas de concentração: arte e estética, ética e teoria política, e literatura e retórica.

“Vejo nos estudantes a falta de satisfação com universidades tradicionais. Muitos vêm aqui para descobrir quais são seus reais interesses e o que querem fazer daí

em diante”, diz a aluna paquistanesa Maria Khan, 24.

“Há um crescente interesse por uma educação de ‘liberal arts’. O quanto isso é uma reação à comercialização ou à compartimentalização das universidades é difícil dizer”, diz Norgaard.

## PARA POUCOS

“Todos concordam que é excelente que jovens de 18 anos não mergulhem imediatamente em um só assunto, mas entendam a relação entre diferentes disciplinas e tenham conhecimento mais abrangente antes de se especializar profissionalmente”, afirma Paul Temple, do Instituto de Educação da Universidade de Londres.

“O sucesso depende muito do que o estudante quer e, principalmente, se ele consegue pagar por isso”, ironiza. Como outras iniciativas do gênero —e essa é a principal crítica à implantação do modelo na Europa—, o Ecla é questionado sobre seu custo.

Na Alemanha, as taxas pagas pelos alunos das universidades ficam em torno de 500 euros anuais. No Ecla, paga-se 15 mil euros por ano, o que inclui acomodação, alimentação, transporte, seguro-saúde, viagens e materiais de estudo.

“Não queremos criar uma oportunidade de educação só para os ricos”, afirma Norgaard. Segundo ele, muitos alunos ali têm bolsa.

## Modelo francês é mais artístico e menos liberal

CÍNTIA CARDOSO  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,  
EM PARIS

Com a proposta de aliar a tradição francesa ao modelo dos “liberal arts” americanos, o Instituto de Estudos Políticos de Paris —o Sciences Po— inseriu, neste ano, disciplinas de arte na graduação.

Chamados de “ateliers artísticos”, eles incluem aprendizado de teatro e fotografia, entre outros, que os alunos devem cursar nos dois primeiros anos.

As disciplinas artísticas ecoam os conceitos abordados nas aulas de ciências sociais, como democracia e identidade.

“O objetivo é oferecer uma bagagem intelectual mais ampla, despertar a curiosidade e a criatividade”, diz Astrid Tênière, coordenadora dos ateliers.

Tem um sujeito americano, meio caipira, que manda no mundo do vinho francês. Até 15 anos atrás, soaria risível. Robert Parker Jr., que nem gostava de vinho, achou que o sistema subjetivo que falava em gosto de lápis molhado e amora podre estava difícil demais.

Fez a coisa americana: inventou uma pontuação. Hoje, ninguém manda como ele nesse ramo.

O problema é que apareceu o vinho “parkerizado”, que manipula taninos e açúcar para ficar do jeitinho que o Parker gosta.

O Enem, como o vestibular, é “parkerizado”. Concluiu-se que é necessário um sistema de notas para distinguir alunos e escolas. Assim tudo fica mais fácil. E distorcido.

Lembro dos processos de admissão quando resolvi fazer mestrado. Nos EUA, labutei para tirar boa nota nos exames e não fiz entrevista.

Na Universidade de Oxford, na Inglaterra, disseram-me que não havia exame e que precisava achar um professor que me quisesse como aluno! Foi o que fiz, e “entrei” porque um senhorzinho que me encontrou num pub simpatizou com minha tese.

“Parkerizadas”, as escolas se transvestem com boas notas, e isso é uma fraude intelectual.

Algumas das mais bem pontuadas fazem um funil danado dos dois lados, o de professores e o de alunos. Selecionam vetustamente (não é vestibulinho, mas é similar) os alu-

RICARDO SEMLER

**Concluiu-se que distinguir alunos e escolas por um sistema de notas fica mais fácil. E mais distorcido**

nos para garantir material bom de prova. Do lado dos professores, fazem uma seleção direcionada.

Depois, primam por simulados que visam exatamente treiná-los no que costuma cair nas provas.

Ora bolotas, assim qualquer um faz. É, aliás, um vexame que tirem nota 6 no Enem. Qualquer nota menor que 10, com esse preparo “par-

kerizado”, é um fracasso.

As escolas públicas, que não podem escolher alunos e professores, não podem concorrer com isso.

A solução está na modernidade: fazer com que alunos decorem fórmulas, datas e fatos é de uma bizantinice primorosa.

As provas têm, urgentemente, de ser feitas com notebook à disposição. As questões devem se concentrar na capacidade de questionar, procurar e interpretar, abolindo de vez esse caminho emburrecedor da vestibulice.

Impera a preguiça institucional e

## Fabricando o Enem

a pressão anacrônica dos pais, resultando em soluções antigas e doentes.

Há muita vinha de qualidade Brasil afora, e certamente não está reservada às elites que procuram capital social e enquadramento nas escolas que fabricam garrafas para o Enem.

É vergonhoso fazer tanta preparação para algo que sequer tangencia o mundo do trabalho.

Dessas uvas nativas poderia vir muito vinho de qualidade, com mesclas criativas e importantes.

Deixemos o Parker para trás. Mimir nota, como sabemos, não é para francês —é para inglês ver.

RICARDO SEMLER, 52, é empresário. Foi scholar da Harvard Law School e professor de MBA no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts). Foi escolhido pelo Fórum Econômico de Davos como um dos Líderes Globais do Amanhã. Escreveu dois livros (“Virando a Própria Mesa” e “Você Está Louco”) que venderam juntos 2 milhões de cópias em 34 línguas. Escreve a cada 14 dias neste espaço.

**Para chegar ao topo é preciso ter base.**

MBA EXECUTIVO &gt; MASTER &gt; PÓS-GRADUAÇÃO

www.espm.br/candidato  
candidato@espm.br – (11) 5081-8225

**ESPM**  
PÓS-GRADUAÇÃO